

DÁDIVA E SOLIDARIEDADE NA BASE DA EMERGÊNCIA DA LIDERANÇA NAS COMUNIDADES POPULARES¹

Edinéa Alcântara²

Luis de La Mora³

Resumo: Este artigo discute a solidariedade no protagonismo de líderes comunitários em assentamentos de baixa renda, à luz da teoria da dádiva. A disponibilidade e capacidade para encontrarem soluções para os problemas do bairro legitimam sua liderança local. Mais conquistas e melhorias, mais respeitados e legitimados se tornam, credibilizando-os para obter maior apoio político. Esses mecanismos contêm os elementos da obrigação tripartite de dar-receber-retribuir do sistema da dádiva. São analisados seu papel e a forma de exercer a liderança nas comunidades em que atuam como representantes e mediadores dos pleitos dos moradores para consecução das melhorias para o local ou como facilitadores e promotores de ações de solidariedade no cotidiano e em situações emergenciais. Foram entrevistadas 95 pessoas, em seis localidades. Os líderes fundamentam seu poder na solidariedade gerada pela dádiva observada por Mauss entre os chefes das sociedades tradicionais, em que o poder e o respeito deles estava associado ao montante de doação realizado.

Palavras-chave: Liderança comunitária. Solidariedade. Dádiva. Dádiva agonística. Comunidades de baixa renda.

Abstract: This article discusses solidarity in the political and community action of leaders in low-income settlements, in the light of the theory of the gift. Their availability and ability to find solutions for the community's problems legitimate their local leadership. The more victories or improvements gained, the more respect and legitimacy they obtain, lending them credibility to obtain greater political support. These mechanisms contain the elements of the tripartite obligation to give-receive-reciprocate within the system of the gift. Their role and the way they exercise leadership will be analysed within the communities where they act as representatives/mediators for residents' complaints to achieve local improvements, or facilitate and promote acts of solidarity in everyday life and emergency situations. 95 people were interviewed in six locations. The leaders base their power on the solidarity generated by the gift as observed by Mauss among the chiefs of traditional societies, whose power and respect were associated with the amount of gifts made.

Key-words: Community leadership. Solidarity. The gift. Agonistic gift. Low-income communities.

¹ Este artigo traz um recorte nos resultados da tese "Solidariedade em Comunidades de Baixa Renda: análise das práticas cotidianas e da relação com o lugar a partir do sistema da dádiva" (ALCÂNTARA, 2011).

² Graduação em engenharia civil, mestrado em gestão e políticas ambientais, doutorado em desenvolvimento urbano, pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano (MDU)/UFPE em resiliência comunitária e urbana. edinealcantara@gmail.com.

³ Graduação e mestrado em Filosofia e em Promoção do Desenvolvimento, mestrado em Sociologia e doutorado em Sociologia - Université Paris 1. Professor do MDU e do Programa de Pós graduação em Direitos Humanos, ambos na UFPE. luis_de_la_mora@hotmail.com.

1 Contextualização

A crise atual de civilização demanda uma revisão dos modelos e padrões de desenvolvimento e de perfis de liderança. O momento de esgotamento de modelos e de revisão de valores e referências como bases do “desenvolvimento” potencializa o resgate da solidariedade como um valor a ser recuperado para a sobrevivência das gerações futuras em padrões mais sustentáveis. Neste artigo pretende-se discutir, à luz da teoria da dádiva⁴, o perfil e a forma de atuação de líderes comunitários e suas práticas de dádivas de serviços e de objetos, geradores da solidariedade que fundamentam o poder da sua ação política nos assentamentos de baixa renda em que atuam.

Marcel Mauss ao observar fenômenos sociais, no célebre “Essai sur le Don” (1923-24), particularmente os rituais coletivos de troca que ocorriam em sociedades tradicionais, concluiu que as relações sociais estavam estruturadas na obrigação tripartite de dar-receber-retribuir. “Na civilização escandinava e em bom número de outras, as trocas e os contratos fazem-se sob forma de presentes, em teoria voluntários, na realidade obrigatoriamente dados e retribuídos” (MAUSS, 1950, p. 51). A teoria da dádiva vem sendo adotada por diversos autores contemporâneos associados ao “*Mouvement anti-utilitariste dans les sciences sociales*” (M.A.U.S.S.)⁵ como instrumento de compreensão de diversas realidades modernas.

No entanto, esse tema tem encontrado um panorama da resistência no Brasil contra a difusão do dom no pensamento crítico. Martins (2008, p. 107) atribui as razões a três focos de resistência:

[...] uma tem a ver com a representação religiosa do termo dom, outra, com a reação utilitarista e neoliberal contra o pensamento humanista e associativo e, em terceiro lugar, no interior do campo acadêmico, a reação dos simpatizantes da antropologia estrutural contra releituras da obra de Mauss a partir de um enfoque sociológico e político. É de se ressaltar que, em conjunto, tais resistências inibem o avanço do debate, exigindo certo esforço para desfazer os nós criados em torno desse tema.

Para contribuir com o debate dos estudos sobre dádiva, esse artigo busca melhor entender o processo de constituição das lideranças comunitárias, suas formas de atuação na promoção da solidariedade no seio da comunidade, e as disputas de poder. Na medida em que a análise e a compreensão da ação política de líderes comunitários for realizada com distintas abordagens teóricas, melhor e maior será o entendimento do seu papel na construção de comunidades, na conquista de melhorias locais e na deflagração de solidariedade.

As evidências de dádiva na atuação de líderes comunitários surgiram logo no início dos estudos exploratórios no mutirão do CSU de Rio Doce, na atuação do Conselho de Moradores do Córrego da Josélia e entre os Pedreiros Solidários. Nas duas primeiras localidades, as indicações da Prefeitura de Olinda e do

⁴ Qualificamos de dom/dádiva “qualquer prestação de bem ou de serviço, sem garantia de retorno, com vistas a criar, alimentar ou recriar os vínculos sociais”. E que “[...] assim caracterizada como forma de circulação de bens a serviço dos vínculos sociais, constitui um elemento essencial a toda a sociedade” (GODBOUT; CAILLÉ, 1999, P.29).

⁵ Ver mais detalhe em www.revuedumauss.com.fr, www.journaldumauss.net e <http://www.jornaldomauss.org/periodico/>.

Recife como localidades exemplares de mobilização, cooperação e solidariedade justificava-se devido à atuação dos líderes comunitários; na opinião dos técnicos, essencial para o êxito dos projetos e da mobilização da comunidade. No caso dos Pedreiros Solidários, descobrimos esta iniciativa ao entrevistar o mestre de obras do Projeto de mutirão autogestionado Dom Helder Câmara, líder dessa iniciativa. Após o início da pesquisa em quatro outras localidades: Ocupação Mulheres de Tejucupapo, o Conjunto Residencial Dom Helder Câmara, ambos processos incentivados pelo Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB), o Conjunto Habitacional Abençoada por Deus e por último a Ocupação Vila Independência foram confirmando-se as suspeitas iniciais da importância de investigar e entender o papel dos líderes comunitários no protagonismo de ações de solidariedade e dádiva. Ao analisar as sete localidades estudados, pretendemos aprofundar a discussão sobre a presença dos princípios da Teoria da Dádiva de dar-receber-retribuir, nas possibilidades para “criar, alimentar ou recriar o elo social entre as pessoas” (GODBOUT; CAILLÉ, 1992, apud CAILLÉ, 2006, p. 30) a partir da análise das relações estabelecidas entre os líderes e as suas comunidades e de como se estabelece a disputa pelo poder através da leitura da dádiva agonística, a dádiva de rivalidade, de antagonismo, de disputa. Dá-se para ter mais poder e prestígio em relação ao donatário. Esta modalidade foi muito praticada nas sociedades primitivas, analisadas por Mauss, que traz uma expectativa de retribuição implícita, reconhecimento, prestígio e poder par ao doador.

O papel que os líderes comunitários exercem nas localidades em que atuam caracteriza-se como um grande potencial de poder em nível local. Mesmo que muitas vezes não esteja institucionalizado e ocorra de maneira informal. A atualidade do tema e a pouca disponibilidade de trabalhos acadêmicos com base nesta teoria para análise dos processos de formação da solidariedade comunitária e a constituição de lideranças em projetos de produção e melhoria do habitat de assentamentos de baixa renda, tornam relevantes esta análise.

2 A Construção de uma Comunidade

Diversas são as formas de construção de uma comunidade e mesmo com históricos diferenciados, algumas características parecem comuns. As lutas para ocupação da área e a busca de melhorias habitacionais e de infra-estrutura urbana unem os moradores com objetivos comuns em torno de um líder, que emerge da mesma comunidade, a partir da confiança que ela deposita nele. Este início de luta e resistência contra um adversário comum fortalece e consolida os primeiros laços para a formação desta comunidade. Alain Touraine (1989), ao definir os três princípios que estão na base dos movimentos sociais, explica como o Princípio de Oposição contra uma ameaça de perder algum direito, ou a dificuldade na sua conquista, desenvolve simultaneamente o Princípio de Identidade, através do qual, as pessoas ao identificar-se como passíveis da mesma ameaça, assumem atitudes solidárias e de colaboração, quando percebem que a luta de cada um é a luta de todos. As dificuldades e batalhas diárias que vão sendo travadas e superadas vão consolidando e dando coesão ao grupo de famílias que ocupou a localidade. Os objetivos são comuns e se expressam na luta coletiva para permanecer no “chão”, na luta por infra-estrutura urbana e na luta por

moradia. Usualmente, este movimento inicial de ocupação de uma área é estimulado e conduzido por líderes que lutam pela moradia, impulsionados pelas mais diversas motivações: humanistas, religiosas, sociais, políticas (no sentido mais puro da palavra, na luta pela constituição de um poder alternativo no âmbito das classes excluídas, até o sentido mais espúrio de construir a base eleitoral de um determinado político profissional). Esses líderes comunitários desempenham papel fundamental na condução do movimento e procuram capitalizar as conquistas alcançadas.

Neste primeiro momento o sentimento de fazer parte de uma comunidade costuma ser grande. Alguns depoimentos revelaram que o sentimento de comunidade foi mais forte quando as dificuldades eram maiores.⁶ Parece que há um potencial de união e solidariedade em consequência da “necessidade de sobrevivência”. Mas o que ocorre depois que a maioria dos objetivos iniciais são conquistados? Outras lutas surgem e os levam novamente a se unirem de forma mais ampla, mesmo que esporádica e circunstancial. Também se desenvolve uma forma mais orgânica e localizada de fortalecimento dos laços e vínculos das relações sociais que perdura e que se expressa em pequenos gestos de solidariedade e ajuda-mútua que recheiam o cotidiano desses moradores. São ligações de proximidade, expressas nos atos solidários de olhar o filho pequeno, dar ou emprestar alimento ou dinheiro, ajudar na construção de uma ampliação, socorrer ou receber uma família cuja casa desabou, fazer cota para ajudar alguém que está precisando, entre tantas outras formas. Muitas dessas ações são capitaneadas pelos líderes comunitários, que exercem papel fundamental na organização comunitária e como protagonistas e difusores dessas manifestações de solidariedade e/ou nas disputas pela liderança política local. Nas localidades analisadas os líderes atuaram tanto como facilitadores de solidariedade, mas também buscando capitalizar as ações realizadas para fortalecimento do seu papel de líder local. Entender como se estabelece a atuação deste ator no nível local pode contribuir para a compreensão da importância e do potencial que podem desempenhar na efetividade e êxito de projetos locais.

2 O Estudo Empírico Realizado

O estudo empírico realizado contemplou a análise exploratória de quatro localidades e como estudo de caso em outras três iniciativas. Realizou-se visitas de observação, participação em reuniões nas localidades e entrevistas com 15 líderes comunitários e técnicos/gestores, moradores, parentes e conhecidos, num total de 95 pessoas. As técnicas de coleta de dados utilizadas foram pesquisa documental, visitas de observação, participação em reuniões, aplicação de questionários, entrevistas abertas, grupos focais e relatos de história de vida.

⁶ Uma iniciativa não incluída nesta pesquisa foi a construção de casas para 18 famílias que moravam embaixo da Ponte Limoeiro, no centro do Recife, e viviam sob risco de caírem no Rio Capibaribe. O prefeito os chamou de “homens-morcego”. Eles passaram dois anos trabalhando na construção de suas casas e o líder comunitário declarou que se sentiam mais “comunidade” no local onde moravam anteriormente. Quando perguntado por que, ele respondeu: “quando um levava uma topada, o outro sentia”.

3.1 O Mutirão do CSU de Rio Doce

No CSU de Rio Doce, em Olinda foram construídas 176 casas por mutirão assistido com o apoio do Movimento Independente dos Sem-Teto (MIST). Cada família tinha a obrigação de disponibilizar alguém para trabalhar voluntariamente durante a construção da sua quadra. Antes da construção das casas, o local estava associado a tráfico de drogas e violência, tendo ocorrido várias mortes. Esta experiência é considerada exitosa por ter mobilizado e envolvido os mutirantes na construção e ter concluído as casas em muito pouco tempo, algumas em menos de um ano. Este foi o primeiro estudo exploratório, e pelos depoimentos dos entrevistados e observação da pesquisadora, havia indícios de que o empenho e dedicação da líder foram decisivos para o êxito do projeto.

3.2 A Comunidade do Córrego da Josélia

O Córrego da Josélia foi-nos indicado por técnicos da prefeitura por ser uma comunidade com bom nível de mobilização. O presidente do Conselho de Moradores, líder atuante e respeitado, desenvolvia uma ação de coleta de materiais recicláveis – plástico, vidro, papelão, etc. – junto à população. Vendia e gerava um fundo que retornava para benefício da própria comunidade: realização de festas (dia dos pais, mães, crianças), fornecimento de passagem de ônibus, ou ajuda material ou financeira aos moradores. Também fazia cotas de dinheiro ou alimentos entre os moradores para ajudar famílias desabrigadas pela chuva ou que esteja passando uma dificuldade circunstancial. Esta iniciativa começou com um programa de troca de recicláveis promovido pela prefeitura, mas ganhou independência e ilustra a contribuição da população local para o desenvolvimento sustentável associado à geração de renda e promoção de eventos de socialização e integração comunitária.

3.3 Os Pedreiros Solidários⁷

Outra iniciativa mais estruturada de construção de casas por ajuda-mútua é a experiência dos Pedreiros Solidários. Em Várzea Fria, São Lourenço da Mata, trabalhadores da construção civil liderados por o mestre de obras do projeto de mutirão Dom Helder Câmara, José Adalberto da Silva, desde 2003, constroem casas, sem remuneração, nos finais de semana, para pessoas que não têm dinheiro para pagar mão-de-obra. O morador compra o material de construção, dá o almoço e a bebida, eles se responsabilizam

⁷ Esta iniciativa é analisada em maior profundidade no artigo “Solidariedade e Dádiva na Construção de Habitações Populares: a experiência dos pedreiros solidários de Várzea Fria, São Lourenço da Mata, PE”.

pela mão-de-obra e ferramentas. Esta iniciativa está associada a grande sociabilidade e fortalecimento de vínculos entre as pessoas, porque depois do trabalho, vem a comemoração do esforço. Não há o requinte dos rituais entre as tribos onde Mauss observou a dádiva, mas há um ritual de esforço-trabalho-celebração com a bebida e o almoço no final de cada dia de trabalho. Ocorre com mais frequência em Várzea Fria, mas já construíram casas em outros bairros e outros municípios, por vezes ocorreram mais de um mutirão concomitantemente. Em 2009 eram mais de 265 famílias⁸ beneficiadas tendo envolvido mais de 40 profissionais desde que começou. Esta experiência é um exemplo de doação do tempo, que poderia ser usufruído em lazer, e do saber profissional, para ajudar alguém a ter uma casa melhor. Para o líder “todo profissional deveria dedicar um pouco do seu tempo para quem precisa”. (VOTORANTIM CIMENTOS, 2008, p.3) Ele declarou que depois que os amigos ajudaram a fazer sua casa, ele continuou para retribuir aos outros o que lhe tinham feito.

3.4 Ocupação Mulheres de Tejucupapo

É um assentamento com mais de 260 famílias que, apoiados pelo MLB, em maio de 2006, ocuparam um terreno vazio do Hospital Barão de Lucena, de propriedade do governo do estado. A população construiu as casas com plástico, papelão, madeira e algumas de alvenaria. A ocupação se deu sem seguir um padrão urbanístico definido e a infra-estrutura urbana é praticamente inexistente. A solidariedade emerge na luta diária para viver em um local praticamente sem infra-estrutura, onde a água provinha de dois poços para atender a todos. A prefeitura está construindo 224 apartamentos, semelhante ao conjunto Abençoada por Deus.

Existem três grupos políticos que convivem com disputas e conflitos. Cada grupo procura protagonizar e maximizar as melhorias conseguidas para o local. Em várias situações, líderes de determinado grupo tentaram desvalorizar o trabalho do outro, em atitudes que geraram segregação na comunidade. Há claramente uma distinção no perfil dos líderes locais: os que apóiam os movimentos sociais, MLB e PCR embasam sua ação política em um maior nível de conscientização e politização do coletivo, enquanto quem apóia determinado candidato tem sua ação mais estruturada na dádiva agonística, de rivalidade e buscando o apoio político e a retribuição das pessoas a quem ajudaram.

⁸ Estão incluídas as 200 casas do conjunto Dom Helder Câmara, no qual participaram de mutirões nos finais de semana, por cerca de dois anos e meio.

3.5 O Projeto Dom Helder Câmara⁹

Projeto de construção de 200 casas em regime de mutirão auto-gestionado, promovido e coordenado pela Associação de Habitação Popular do Nordeste (AHPNE), por representantes das famílias que compõem a Comissão de Representantes e por líderes do Movimento de Lutas nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB) filiados à Central dos Movimentos Populares (CMP) com parcerias com instituições públicas. A população assinou um contrato com a Caixa Econômica Federal para amortizar o financiamento no prazo de 20 anos, sem juros. Tiveram que obedecer normas e regras e firmaram, entre eles, o compromisso de prestar 16h/semana na construção.

O trabalho técnico social foi realizado pelo Programa Conexões dos Saberes constituído por 125 bolsistas da UFPE, todos pertencentes a famílias com menos de 3 salários mínimos de renda familiar, e consistindo a primeira geração que tenha ingressado na universidade, para desenvolver trabalhos social em comunidades. Constatou-se oficinas temáticas para formação da comunidade, regras de convivência e os princípios do mutirão: solidariedade, união e luta, e conscientização sobre a importância da qualidade ambiental natural ou construída, cultura popular, educação, nutrição e saúde familiar e comunitária.

No local, basicamente, há dois grupos políticos, que disputam para protagonizar o processo, com grande rivalidade entre eles. A solidariedade emergiu durante a construção das casas, por meio da doação de horas e ajuda material com maior profusão em alguns grupos.

3.6 Conjunto Habitacional Abençoada por Deus

A prefeitura construiu 428 apartamentos em blocos caixão de quatro pavimentos para abrigar as famílias removidas das palafitas da antiga localidade Abençoada por Deus, em agosto de 2008, após uma luta de 14 anos por moradia. A população não participou na tomada de decisões, nem na execução da obra e nem pagou pelos apartamentos. Depoimentos como “agora temos conforto, mas não temos segurança”, “morar em apartamento é muito difícil”, “a nossa vida agora é um inferno” revelam as dificuldades de adaptação à nova moradia. No primeiro mês o centro comunitário foi depredado por jovens moradores sob efeito de droga. Alguns apartamentos foram alugados, outros repassados. Há um maior índice de tráfico de drogas do que na antiga Abençoada por Deus, o que torna o local vulnerável à violência. Os moradores viviam com medo de estar e circular nas ruas internas e espaços coletivos, como declarou uma moradora

⁹ Este projeto foi objeto de análise no artigo “Solidariedade e Dádiva na Construção de Casas: uma análise das relações e práticas diárias entre participantes do Projeto Mutirão Habitacional Dom Helder Câmara, Recife-Pe, Brasil” publicado nos anais, do XIV Encuentro de la Red Universitaria Latinoamericana de Cátedras de Vivienda (ULACAV), realizado em Buenos Aires de 1 a 4/10/08 e reeditado como “Dádiva e Solidariedade na Construção de Casas: o Projeto Dom Helder Câmara”, apresentado e publicado nos anais do Colóquio Internacional Ano da França no Brasil – Novos Padrões de Acumulação Urbana na Produção do Habitat: Olhares Cruzados Brasil/França, de 14 a 18/09/09, em Recife, na UFPE.

quando perguntada se estava gostando dali. Ela disse que não “[...] que preferia voltar para os ratos e pras baratas que não faz mal a ninguém”.

Além de perderem as oportunidades de trabalho, lazer e serviços, foram separados dos vizinhos, o que aumenta o sentimento de não-pertencimento ao lugar. Os entrevistados declararam que antes havia mais proximidade e solidariedade entre os moradores. A tipologia de apartamento, e a forma aleatória de distribuição dos antigos vizinhos causam maior distância e isolamento entre os moradores (ALCÂNTARA, 2011).

Há dois grupos políticos que disputam a liderança do conjunto, mas dialogam entre si. Apesar dos condicionantes desfavoráveis e de todos os problemas de adaptação à nova moradia, percebeu-se uma reação positiva dos moradores e dos líderes para resgatar o espírito de comunidade existente. O isolamento dos apartamentos era compensado por encontros regados a cerveja nos corredores dos andares e reuniões entre antigos vizinhos, celebrações coletivas nas festas juninas, natal e carnaval. Houveram algumas demonstrações de cuidado dos espaços coletivos: na entrada de alguns blocos moradores varrem, plantam, revestem com sobras e rejeitos cerâmicos. Este é um exemplo de um movimento de readaptação que revela a capacidade de criar laços de socia(bi)lidade e de solidariedade desses moradores em ambientes hostis e adversos como blocos de apartamento.¹⁰

3.7 Ocupação Vila Independência

Vila Independência é uma ocupação de terreno particular, em Nova Descoberta, que ocorreu em 1998, inicialmente por 14 famílias oriundas de áreas de risco da zona norte. Posteriormente, outras famílias foram-se juntando à ocupação que, na época do cadastro, contava com 176 famílias advindas da mesma localidade.

Sua escolha ocorreu devido à dificuldade de continuar as pesquisas na Ocupação Mulheres de Tejucupapo. A participação da pesquisadora, e apresentação à comunidade, em uma grande reunião promovida pelo MLB provocou uma reação de hostilidade em uma líder de outra tendência, que já havia sido entrevistada anteriormente. Ela chegou a sugerir que inviabilizaria a continuidade da pesquisa na área, pois queria capitanear que teria sido ela quem estava promovendo a pesquisa com a universidade. Esse foi um momento concreto de disputa de poder, que interferiu diretamente na recondução da pesquisa. Diante deste fato, decidimos escolher outra localidade, com características semelhantes, pois seria muito difícil tomar por estudo de caso uma localidade com esse nível de hostilidade e não aceitação do pesquisador e do trabalho.

A escolha de Vila Independência, um caso típico de assentamento espontâneo, de ocupação recente e habitações provisórias, ocorreu por sugestão de um morador local e líder do MLB, que colaborava com o

¹⁰ Originou o artigo “Socia(bi)lidade e solidariedade em comunidades de baixa renda: práticas para viver em ambientes hostis”, apresentado como pôster no I Seminário Internacional ARCUS “Ambientes Urbanos e Urbanidades”, em João Pessoa, de 17 a 19 de agosto de 2009.

mutirão do Projeto Dom Helder. A forma da ocupação traz características da maioria dos assentamentos espontâneos de baixa renda, com ruas estreitas e sinuosas, com características de área rural. Moradores criam animais, inclusive cavalos. A experiência de proximidade entre as casas, assim como o processo de ocupação, faziam da localidade relevante para um estudo de caso.

Havia também o envolvimento de líderes comunitários que ajudavam de forma solidária os moradores no enfrentamento das dificuldades cotidianas, declarado por moradoras tanto no grupo focal, como nas entrevistas. Inclusive com ajuda com provimento de alimentação e acolhimento nas suas casas.

4 Dádiva na Ação dos Líderes Comunitários

Mauss fala da reciprocidade gerada pelo que foi recebido como consolidação da vida em sociedade. “Se coisas são dadas e retribuídas, é porque se dão e se retribuem ‘respeitos’ – podemos dizer igualmente ‘cortesias’. Mas é também porque as pessoas se dão ao dar, e, se as pessoas se dão, é porque se ‘devem’ – elas e seus bens – aos outros.” (MAUSS, 2003, p. 263). Nesta passagem do Ensaio, Mauss sinaliza que o respeito é um bem subjacente na circulação dos bens materiais ou imateriais que constituem a dádiva em si mesma. E enfatiza que ao se doar, as pessoas também doam algo de si mesma, porque elas próprias estão em dívida.

O respeito pode estar associado à capacidade de retribuir. Quem fez a doação passa a respeitar aquele que o retribuiu. Uma das maneiras “de ganhar respeito é retribuir aos outros” e “a troca é o princípio social que anima o caráter de quem retribui à comunidade.” (SENNET, 2004, p. 82) O respeito está associado às pessoas que doam e a reciprocidade é o fundamento do respeito mútuo (*ibid*, p. 249).

A dádiva vem acompanhada de um crescimento da consciência de ser, associado a um incremento de autoridade e fama para o doador. O prestígio nasce com a dádiva e relaciona-se ao doador, para constituir seu próprio nome, sua fama, sua honra. (MAUSS, 2003, p. 258, *apud* SABOURIN, 2008, p. 133) Observamos em todas as iniciativas analisadas o fortalecimento do líder comunitário associado às melhorias conquistadas, à quantidade de “cestas básicas”, aos quilos de alimentos, aos benefícios e serviços assistenciais conseguidos para o local. Alguns buscando literalmente a auto-promoção por terem “realizado” tal façanha, para demandar o apoio de determinados candidatos nas eleições políticas, realizadas em média a cada dois anos, outros para ganharem maior legitimidade e apoio para uma luta mais coletiva por uma sociedade mais justa.

A busca de reconhecimento através do respeito parece conduzir a ação dos líderes. A estruturação da Teoria do Reconhecimento, de Axel Honneth, está baseada na trilogia: i) a autoconfiança – que buscamos na esfera do amor; ii) o respeito – que buscamos na esfera político-jurídica; e iii) a auto-estima – que pretendemos acessar na contribuição à divisão social do trabalho. (HONNETH, 2003, *apud* CAILLÉ, 2008, p. 157) Dependendo do perfil de liderança que exercem há uma mistura das três esferas analisadas por Honneth. “Reconhecer uma pessoa é admitir seu valor social e lhe oferecer qualquer coisa em retorno”.

(CAILLÉ, 2008, p. 158) Cita Claude Pairault, em uma monografia dedicada à aldeia de Iro no Chade: “O prestígio de um chefe consiste notavelmente, para este homem e para os seus, não naquilo que ele possui em quantidade, mas no fato de que ele pode e sabe dar com liberalidade [...] É realmente através da capacidade de dar que se mede o valor de um indivíduo” (*ibidem*).

Ricoeur (2006, p. 233 *apud* MARTINS 2009, p. 62) adverte que as lutas por reconhecimento podem transformar em estados de reconhecimento mútuo que se abrem para a pacificação, mesmo provisória. Essa passagem pode ser alcançada com o reconhecimento afetivo e de confiança nas redes primárias, de respeito e de direito e nas redes secundárias participativas, em que se organizam as solidariedades organizativas e associativas. No entanto, a compreensão de redes que incorporem a luta por reconhecimento em sistemas de reciprocidades mútuos não ocorre sem problemas, pois a experiência do dom “é inseparável de sua carga de conflitos potenciais ligada à tensão criadora entre generosidade e obrigação.” (RICOEUR, 2006, p. 257 *apud* MARTINS 2009, p. 63).

O outro pilar na base da nossa análise, que está na base do sentimento de quem recebeu a dádiva, é o sentimento de gratidão, a que está associado um sentimento de dívida e de obrigação de reciprocidade em relação ao doador. Cohn (1998) discute sobre como Simmel aborda a gratidão, para “tecer um laço de reciprocidade, um balanço do receber e do dar entre os homens”. Na vida social dar e receber não podem estar reduzidos simplesmente à troca, por não atender todas as dimensões da reciprocidade entre os homens. (SIMMEL, 1983, p. 211 *apud* COHN, 1998) Para Simmel a troca é a “conversão em objeto da capacidade de reciprocidade dos homens” (*idem*, p.210). Simmel (*idem*, p. 211) vê a gratidão como uma “memória moral da humanidade, uma ponte que a alma sempre encontra para aproximar-se do outro ao mais leve estímulo, insuficiente talvez para gerar por si só uma nova ponte”. Desta forma, “a gratidão propicia aquilo que importa na constituição e permanência da vida social: a persistência de relações para além do momento da sua criação” (COHN, 1998). E foi o que constatamos na observação do exercício das lideranças em relação aos moradores e em relação a quando receberam uma ajuda de alguém.

O líder dos Pedreiros Solidários é um militante sindical e filiado ao PCR, o que evidencia seu compromisso e engajamento político-social. Mas mesmo com a motivação política de compromisso com o socialismo, expressou que sentia gratidão, por terem feito a casa dele, para justificar o seu envolvimento na construção das casas de outras pessoas pobres, como forma de retribuição pelo que recebeu. E constatamos que também neste caso a gratidão propiciou o que importa na vida social: a permanência das relações para além do momento da sua criação. (COHN, 1998)

Por outro lado, a ausência de gratidão e reconhecimento pode provocar sentimentos de cansaço, pois não há retribuição, como manifestado por dois líderes, que estão “cansados de dar”, pois não obtiveram o reconhecimento como retribuição. O cansaço vem também da dificuldade para alcançar as melhorias para a localidade. A líder de Rio Doce abdicou da família, inclusive separando-se do marido, durante o processo do mutirão. Foi ameaçada de morte e não sentiu reconhecimento por parte da comunidade; ao contrário, houveram desconfianças da real motivação dela, porque não recebeu nenhuma casa. Ela candidatou-se a vereadora pelo Partido Comunista do Brasil (PC do B), mas declarou não se arrepender e que se não tivesse

lutado, não estaria ali contando a história. O líder do Córrego da Josélia gostaria de fundar uma ONG para continuar desenvolvendo o trabalho. Ambos em tentativas distintas de mudarem de vida. O reconhecimento parece ser uma expectativa de retribuição da dedicação às lutas coletivas da comunidade. O nível de envolvimento pessoal e emocional dos dois foi evidente: ambos se emocionaram durante a entrevista. Estavam doando algo de si, como não foram reconhecidos, sentem-se cansados.

Para uma líder de Dom Helder não se deve esperar retribuição ao fazer um favor “Ela nunca me paga não. Já tentaram pagar, mas eu não aceito não, porque você fazer favor pra outra pra receber algo em troca, você não tá fazendo favor. Porque favor, pra mim, é você não receber nada.” No entanto, há um prazer que ela sente em dar e é neste prazer que ela encontra a retribuição, percebe-se também a influência da religiosidade na citação da Bíblia:

É, assim, a gente trabalha sem receber, sem remuneração, mas a gente recebe. Por exemplo, tem uma palavra na Bíblia que diz “que é melhor dar do que receber”, né? Então a gente recebe. Só da gente ver o sorriso da pessoa de ter conseguido, conquistado, isso aí pra gente vale mais do que o dinheiro. [...] É por isso que eu ajudo aqui as pessoas, entendeu? Por conta disso [...] eu sinto uma gratificação muito grande em ver a pessoa que conseguiu dar as horas, tá terminando sua casa, na maior alegria. (líder/mutirante, Projeto Dom Helder)

Esta líder tem uma história de vida dedicada a servir às pessoas e se envolver em atividades coletivas. Ela já fez parte de diversas igrejas evangélicas, do MLB e do Partido Comunista Revolucionário (PCR). Tem grande dedicação ao trabalho de construção das casas e doou muitas horas para outros moradores sem receber dinheiro. Mas expressou alegria devido ao reconhecimento do outro ao lhe retribuir com um presente. O depoimento a seguir revela a gratificação na retribuição recebida:

“[...] Essa bolsinha foi ela quem me deu. [...] Ela é o tipo de pessoa que gosta de agradar. Como eu também várias vezes, além de ajudar ela aqui na casa, compro um presentinho quando vou na cidade, vejo um negocinho que é a cara dela, eu compro. Eu gosto de agradar as pessoas, é o meu jeito. Porque às vezes eu paro e penso “Será que eu tô fazendo certo mesmo? Será que eu não tô comprando as pessoas?” Aí eu digo “não, eu tô dando de bom coração”. [...] Às vezes tem pessoas aqui que quando tem festa na casa dela traz um pratinho pra mim, sempre se lembra, isso é muito gratificante, né? Você ver a união das pessoas, de querer agradar, não comprar. (líder/mutirante, Dom Helder)

Ao mesmo tempo, mesmo sem ter conhecimento da teoria da dádiva, ela intui que ao receber é gerada uma dívida de quem recebeu para com quem doou, e aquele pode se sentir obrigado a fazer o que quem lhe ajudou quer. Ela chama isso de “comprar”, caso haja intenção ou interesse premeditado por parte do doador:

Por exemplo, eu lhe dou um presente, já com aquela intenção de que você vá me retribuir, isso, no meu ponto de vista, é comprar as pessoas. Eu querer que você faça uma coisa pra mim e chegar e dar um presente primeiro a você e depois: “faça isso pra mim”. Aí como você recebeu aquele presente, você vai ficar obrigado a ir lá e fazer aquilo que a pessoa quer [...] eu não suporto. Quando eu agrado uma pessoa eu não tô com a intenção de que ela vá me retribuir, jamais. (líder/mutirante, Projeto Dom Helder)

Foram muitas as expressões que evidenciaram a geração de uma dívida ao receber algo de alguém: “quis retribuir”, “fiquei em dívida”, “agora (depois que ajudou) posso contar com a pessoa”, “o que a gente recebe de graça, tem que dar de graça”, “passei a ajudar na construção da casa de outras pessoas depois que ajudaram na construção da minha”, “a gente nunca sabe o dia de amanhã”. Esta última revela que a dádiva também ocorre baseada em promessas e expectativas de retorno não declaradas, mas implícitas. Há também uma crença mística de que ao fazer o bem, você receberá o mesmo em troca, que também está associada à religiosidade “A gente faz essas coisas mas a gente sabe que o retorno não vai vir daquela mesma pessoa não, entendeu? [...] Aquele de lá de cima vê tudo. [...] Tudo que a pessoa faz aqui na terra é um retorno pra tu mesmo. [...] Se você faz bondade, você tem retorno de bondade.” (líder de Tejucupapo)

As situações associadas à retribuição política do líder comunitário podem ser classificadas em três modalidades: i) as situações em que busca prestígio e reconhecimento para apoio aos seus projetos; ii) as situações em que a dádiva agonística se manifesta na rivalidade e na disputa política por poder local, e iii) nas situações em que busca a construção do socialismo. Na primeira modalidade, foram enquadradas as situações em que a retribuição pela atuação política vem sob a forma de prestígio, reconhecimento, distinção, demonstrando o orgulho pelo trabalho que desenvolve na localidade, a vaidade, a vontade de sentir-se importante, o desencanto e o cansaço pelo não reconhecimento de sua liderança. Essa participante do grupo focal de Vila Independência ilustra o reconhecimento dela pela atuação dos líderes comunitários que conhece.

Aí tenho (solidariedade) até hoje, mas não é daqui não, é de fora. Tem uma pessoa que eu morei na casa dela desde pequena [...] ela não mora aqui não; [...] a comunidade lá é louca que ela seja líder comunitária de lá, mas ela não quer. Sempre eu recebo ajuda dela, tanto de dinheiro, quanto de feira, eletrodomésticos [...] o que eu peço deles dois, me ajudam. O líder também [...] não tenho o que dizer dele, assim, da minha parte, se eu peço, ele também me ajuda, inclusive quando meu barraco caiu; ninguém me ajudou, a única pessoa que foi lá e levantou pra mim foi ele. (moradora, Vila Independência)

Os líderes também apoiam as ocupações e facilitam a construção das casas, por meio do controle de quem chega e fixa residência no local. A líder de Abençoada por Deus, por ser da comissão, envolveu-se e dedicou-se durante 14 anos à luta por moradia. Curiosamente, salienta o seu desinteresse, mesmo sem que se houvesse evidenciado que ele existia.

Amor, carinho, sempre fazia tudo com muito amor, carinho, reunião, explicava pras pessoas o que foi a reunião, o que saiu, como ia ser feito, [...] que ia ser um condomínio fechado, que não podia fazer ligações, não podia fazer barulho [...]. 14 anos eu trabalhei com amor e com carinho, sem nenhum interesse. (líder, Abençoada por Deus)

Um líder que faz oposição à Associação de Habitação Popular do Nordeste (AHPNE), em Dom Helder Câmara, expressa orgulho por ter participado do cadastro das pessoas: “[...] a maioria agradece porque [...] em torno de trinta pessoas, eu fiz o cadastro. Então foi uma solidariedade. Hoje eu entro em qualquer setor [...] não tenho vergonha porque teve alguns casos aqui de compra de cadastro. [...] Cadastrei, indiquei, passaram e estão morando hoje.” (líder, Projeto Dom Helder) Esse depoimento aponta

características da dádiva agonística, de rivalidade e disputa política pelo poder local, o que tanto pode causar divisão, desagregação, como união dentro dos grupos.

O estilo de liderança, muitas vezes personalista e carismática, tem grande influência na mobilização e organização da comunidade. Por vezes estimulam a agregação, a unidade para lutar por objetivos comuns, ou a formação de grupos com filiações partidárias distintas, outras vezes acirram a disputa do poder local, os conflitos, a fragmentação e a desagregação, levando a prejudicar a consecução das melhorias para a localidade. Portanto, a forma de atuação e o estilo da liderança local assume fundamental importância para a coesão da comunidade. O mesmo líder pode estimular atitudes bastante distintas: de solidariedade e cooperação ou de disputa e desagregação.

Quando há divisão de grupos pelo controle político local, ocorrem disputas em que buscam maximizar as conquistas para ampliar sua liderança, semelhante à dádiva encontrada por Mauss entre os líderes das tribos estudadas. Em tais situações se enquadraram os depoimentos dos líderes comunitários de grupos políticos antagônicos, que disputam espaços de poder local. Por vezes, essa disputa leva à depreciação e à desvalorização do trabalho do ‘inimigo’ político, a divisões e desagregação da comunidade e até à inviabilização de projetos, apoios e parcerias. Assumem uma postura reativa a iniciativas do grupo opositor. Há também uma competição para capitanear melhorias e projetos para a localidade e depois solicitam apoio aos seus projetos políticos e de seus candidatos. Em uma visita a Mulheres de Tejucupapo uma das líderes relatou “eu doeï mais de uma tonelada de comida a cada três meses”, como uma forma de ganhar poder local, numa clara semelhança à dádiva agonística observada por Mauss (2003). Mesmo que a quantidade esteja exagerada, o que é relevante é a postura de se firmar para mostrar quem doa mais. Ela faz articulações com parentes e políticos e promove sua família e seus candidatos. Ganha prestígio na comunidade e pode depois buscar uma retribuição às dádivas que promoveu.

Por vezes, as iniciativas podem provocar ‘ciúme’ ou ‘inveja’, pois trazem prestígio político e poder ao doador. Em Abençoada por Deus, a compra do gás do vizinho causou incômodo a um líder de outro grupo político. O diálogo explicita a dádiva agonística:

‘Falaram pra mim que tu comprasse um bujão de gás.’ Eu disse, ‘eu não, as pessoas ajudaram. Olhe, o senhor me desculpe, eu não quero ser ignorante, mas mesmo assim eu estou sendo. Pra eu poder ajudar uma pessoa, qualquer pessoa, não vou pedir permissão a ninguém, só a Deus, muita força e condições pra eu poder ajudar. O senhor é o que meu? Nada. [...]’ Eu senti que eu fui meio grosseira, mas depois [...] vou pedir desculpas. (líder de Abençoada por Deus)

A reação agressiva foi justificada por se sentir ‘controlada’ na sua iniciativa de ajudar alguém. Toda movimentação e mobilização que fez ao pedir dinheiro para comprar o gás do vizinho fortaleceu sua liderança de forma positiva, como uma pessoa generosa e pronta a ajudar quem precisa. Sentiu-se incomodada com a curiosidade do ‘seu oponente político’ e reagiu, atacando-o para se defender. Essa situação ilustra como a dádiva agonística pode materializar-se na contemporaneidade, e particularmente nas áreas de baixa renda.

A disputa entre os líderes pode ampliar as conquistas para as comunidades, mas também pode contribuir para dificultar o andamento de ações e projetos. Em uma reunião comunitária do Projeto Dom Helder Câmara, houve muita disputa política e os mutirantes estavam desestimulados. Nesse mês (02/2008), havia sido executado 32% da obra e apenas 17,5% das famílias atingiram as 64 horas, sendo o mês de menor presença de famílias na obra e de maior dificuldade do projeto. Essa crise foi acirrada por disputas entre os dois grupos políticos e contribuiu para o atraso da obra. Uma líder refere-se ao grupo que fazia oposição à AHPNE.

Eles até me chamaram pra assinar um documento, pedindo saída da Associação. Porque eles já tinham uma associação praqui pra dentro. Aí como eu não aceitei, eles começaram a me difamar nas assembleias, dizendo que eu estava recebendo pela Associação [...] coisa que eu não tô fazendo. [...] sei que um mutirante não pode trabalhar e receber. Como é que eu sou mutirante e tô pagando pra receber do meu próprio dinheiro? (líder do Projeto Dom Helder Câmara)

Essa reação de difamação provocou ressentimento nela e acirrou a divisão do grupo, mas, como líder, busca ser referência e tratar os outros como gostaria de ser tratada.

Eu fiquei um pouco magoada, chateada [...] mas tem gente que fica com raiva da pessoa e fica difamando a pessoa; [...] eu tenho que dar exemplos, então se eu quero que uma pessoa me respeite, como é que eu vou chegar [...] o que você falar pra mim eu chego pra vender pro outro. [...] esse tipo de coisa foi que fez a divisão das pessoas aqui dentro. (líder do Projeto Dom Helder Câmara)

No caso do Projeto Dom Helder Câmara, a disputa e a desconfiança entre os grupos chegou ao ponto de se duvidar da honestidade do outro grupo e de dificultar e atrasar a obra para esvaziar as conquistas do grupo opositor, mas a habilidade política permitiu lidar com a situação.

[...] interesse político, porque [...] se eu não faço nada, mas você também não faz, estamos empatados. Agora, eu não posso não fazer nada e você fazer. Na política, embora que você se prejudique, mas você fique igual aos outros está tudo bem, então você desqualifica o outro dizendo que desde o início você já dizia que ele não estava certo. [...] é uma situação muito cômoda, [...] se der certo, 'foi porque a gente falou'. Se der errado, 'a gente já tinha falado antes.' [...] você tem o que ganhar e nada a perder. (líder do Projeto Dom Helder Câmara)

Os grupos políticos criticaram as ações e o comportamento do grupo opositor e buscaram o controle político da situação, mediante apoio aos aliados nas tomadas de decisão. Tal fato foi observado em todas as localidades, com maior ou menor intensidade. Essas disputas podem ter aspectos positivos, associados à democracia, como também à reorganização de novos grupos. Quando as disputas provocam rompimento, também pode haver rearranjos com nova configuração e outros aliados, mas, habitualmente, gera desgaste entre os participantes, o que pode ter rebatimentos na própria luta. Dentre as grandes dificuldades encontradas, a luta interna parece ser um dos grandes desafios, apontado pelo coordenador do projeto.

Uma outra situação encontrada, particularmente entre os líderes e militantes do PCR e MLB, foi a simpatia ou o compromisso com a construção do socialismo, o que os motiva a se envolver em lutas coletivas, muitas vezes com grande sacrifício pessoal, como é observado no depoimento a seguir de um dos líderes do MLB e PCR:

É uma coisa que às vezes as pessoas confundem: nós somos marxistas, materialistas, no sentido de sentir, não no sentido material. Então pra gente a questão material não é muito importante não. [...] Assim, meu sonho é ver a transformação, ver a construção do Socialismo, [...] tenho consciência do que eu tô fazendo é o melhor pra humanidade, nos meus limites. Nosso objetivo final é o Socialismo, se eu vou conseguir ver ou não, eu não sei, mas sei que tô contribuindo pra isso [...] eu não tô do outro lado, do lado de quem destrói. Então é a questão da própria consciência de que lado você está, né, o que você tá fazendo pra modificar essa situação. Cada um faz como pode, vou fazendo dessa maneira com uma visão transformadora, uma visão mais radical [...]. Mas nós sabemos que é possível, agora quando será, depende muito da gente também. (líder do Projeto Dom Helder Câmara)

Estes relatos associados ao sentimento de dívida e de expectativa de retribuição são evidências do sistema da dádiva no cotidiano e na atuação dos líderes comunitários.

5 O Protagonismo dos Líderes Comunitários

A análise do protagonismo e do envolvimento dos líderes comunitários teve o recorte em duas formas de atuação: i) na representação e mediação de pleitos para consecução de melhorias para o local e ii) na facilitação e promoção de ações de solidariedade no cotidiano e em situações emergenciais.

O líder comunitário participa diretamente dos problemas cotidianos locais. A população, por sua vez, usualmente deposita um nível de expectativa e de dependência do líder, que muitas vezes passa a se reconhecer e ser reconhecido como “a pessoa que resolve tudo”. Os que moram na localidade se aproximam mais dos problemas cotidianos, o que muitas vezes demanda um nível de envolvimento, por vezes muito grande, que faz com que abdicuem de sua vida pessoal. Foi o que declararam alguns entrevistados.

Como consequência, são freqüentemente solicitados para resolver problemas, prestar socorro, ajudar na resolução de conflitos ou problemas da localidade. A proximidade dos problemas e das carências, a disponibilidade e capacidade para encontrarem soluções para os problemas do bairro e das pessoas são a base e legitimidade de sua liderança. Quanto mais conquistas e melhorias conseguirem captar ou conseguir para o bairro, maior seu poder político, mais respeitados e legitimados se tornam. É uma micro-esfera de poder bastante disputada e na maioria das vezes existe um político ou um partido político para dar sustentação à atuação deles.

Nos casos analisados a atuação do líder foi relevante para a consecução de melhorias. A atuação da líder de Rio Doce foi decisiva para o êxito do projeto. Sua história de pobreza, sem ter uma casa onde morar, motivou a se envolver na luta por moradia, mas a militância política e a religião são aspectos importantes a serem considerados no seu compromisso com o coletivo. Ela declarou-se filiada e militante do (PC do B) e evangélica. Seu depoimento estava carregado de grande fé em Deus, além de um compromisso com um mundo mais justo e melhor para todos.

O presidente do Conselho de Moradores do Córrego da Josélia também é um exemplo de doação e de compromisso com a comunidade, atestado por três moradores entrevistados, um deles inclusive declarou que “o Baixinho era tão bom que era besta”. Dois técnicos da prefeitura do Recife também salientaram sua liderança como um aspecto diferenciador na mobilização dos moradores na localidade. O fato de coletar materiais recicláveis da própria população, vender e retornar o dinheiro arrecadado para eventos na própria comunidade já se reveste da obrigação tripartite de dar-receber-retribuir encontrada na dádiva. Ele chegou a se emocionar ao mencionar uma ajuda que fez que nunca esqueceu, foi quando doou o dinheiro da passagem para uma pessoa fazer uma entrevista para um emprego e esta pessoa estava nesse emprego, no momento da entrevista. A possibilidade de, através de um gesto simples, contribuir para definir a vida de alguém, traz empoderamento ao doador.

O depoimento da presidente do Clube de Mães de Mulheres de Tejucupapo é revelador desse sentimento de “ser capaz” de definir uma situação. Ela contou emocionada que a sua agilidade ao providenciar um transporte, jogando-se na frente do carro para fazê-lo parar e levar ao hospital uma criança inconsciente, foi definidora da situação e salvou a vida da criança:

Quando a médica virou pra mim e falou: quem foi que botou essa nenem dentro do carro?” Fui eu. “Você sabia que essa menina só tinha 5 min de vida?” Vige eu chorei tanto no hospital, mulé. Porque eu salvei a vida daquela nenem. Então isso me deixa gratificada de morar aqui dentro. Porque se não tivesse eu [...] essa bebê tinha morrido. [...] quando eu passava, a mãe botava tapete vermelho. Eu virei madrinha da menina. (líder de Mulheres de Tejucupapo)

Durante as entrevistas quatro líderes comunitários se emocionaram ao narrarem suas histórias. Nas quatro situações os relatos estavam vinculados a alguma forma de dádiva, em que eram protagonistas de uma doação muito importante para o outro: o salvamento da vida de um bebê, a doação do dinheiro para viabilizar um emprego para alguém, a compra do gás e a convicção de estar fazendo história ao se envolver na luta por moradia.

A iniciativa e agilidade ao definir uma situação de grande importância para o outro, até de salvar uma vida, gerou um sentimento de “poder”, “capacidade” e “utilidade” em relação à vida das pessoas, que, para muitos, é um retorno positivo do exercício da liderança. A confiança e a gratidão que eles adquirem das pessoas a quem ajudaram os legitima para solicitarem apoio político aos seus projetos ou em época de eleição, pois as pessoas se sentem em dívida pela ajuda recebida. Os líderes entrevistados citaram diversas manifestações de dádiva, principalmente porque são muito solicitados para resolver problemas e conflitos cotidianos da comunidade. Mas a dádiva que todos os líderes demonstraram foi na dedicação ao coletivo que o exercício do seu papel exige. Esta característica da atividade deles faz com que mesmo líderes mais “personalistas” ou “clientelistas” tenham que dedicar seu tempo na busca de melhoria para a comunidade e de solução para problemas coletivos e emergenciais.

No Conjunto Dom Helder Câmara, como os líderes comunitários fazem parte de movimentos sociais, o MLB e de um partido comunista clandestino, o Partido Comunista Revolucionário (PCR), a condução do projeto contém uma base de politização muito forte. Mesmo de forma diferenciada da dádiva encontrada em

outros líderes, os três líderes entrevistados têm a dedicação e compromisso com a conclusão do projeto. A diferença é que a motivação dos dois coordenadores do projeto é de militância política, luta em movimentos sociais e pelo socialismo. Estes dois líderes foram os únicos entrevistados em que não foi identificada a religiosidade como um dos fatores motivadores de sua ação, devido a sua formação marxista. Já outra líder que também faz parte do MLB e do PCR, mas tem uma história de religiosidade forte, tendo feito parte de outras igrejas evangélicas.

Alguns líderes possuem vinculação político-partidária a candidatos e percebe-se claramente a vinculação das ações de luta para melhoria da localidade aos projetos políticos de cada grupo, bem como ao fortalecimento de seu poder político. Em algumas situações os interesses político-pessoais os levam a travarem lutas acirradas pelo poder político local. Em determinados momentos ocorrem aproximações e em outros afastamentos, por vezes associado a tensões, rupturas e “guerras”, como constatado por Mauss.

Os relatos de história de vida incluem depoimentos fortes e emocionados que revelaram a importância, para o entrevistado, o fato de ter ajudado alguém e tanto maior, quanto mais importante foi a ajuda. Uma líder de Tejucupapo sintetizou seu sentimento como liderança daquela localidade: “O que é que eu dou? Eu dou minha vida. [...] Eu deixo de viver a minha vida para viver a vida dos outros. [...] Aqui eu me sinto mais completa porque eu me sinto útil pras pessoas aqui de dentro.” (líder de Mulheres de Tejucupapo)

Considerações Finais

Foi evidente a importância do papel dos líderes comunitários como condutores e estimuladores de atitudes de solidariedade e de dádiva, inclusive na própria postura de envolvimento e responsabilidade com que desempenham seus papéis. Os perfis de liderança encontrados foram: i) Liderança político-ideológica, com militância partidária e/ou sindical; ii) Liderança associada a algum político, que se intensifica nos períodos de eleições; iii) Liderança independente, que não está associada a um partido ou a um político, mas a uma vontade de desenvolver uma atuação coletiva.

As motivações identificadas foram a religiosidade, o compromisso e engajamento político-social, o compromisso humanístico e a generosidade pessoal por educação e cultura. Outras motivações associadas à expectativa de retribuição e retorno foram: a motivação política associada ao reconhecimento, a expectativa de gratidão e a generosidade associada ao prazer individual e do outro.

As situações de retribuição política dos líderes comunitários ocorreram em três modalidades: i) nas situações em que buscam prestígio e reconhecimento para apoio aos seus projetos; ii) nas situações em que a dádiva agonística se manifesta na rivalidade e na disputa política por poder local, e iii) nas situações em que buscam a construção do socialismo.

Deve ser salientado o efeito multiplicador que estes líderes podem vir a exercer como exemplos de solidariedade e dádiva, aspectos a serem considerados nas políticas públicas.

A força e a originalidade das descobertas estão em encontrar aplicabilidade na teoria da dádiva, inicialmente observada em sociedades “primitivas”, para o contexto contemporâneo de assentamentos de baixa renda e na compreensão da formação e do exercício do protagonismo de líderes nas comunidades em que atuam.

Referências

- ALCÂNTARA, E. *Solidariedade em Comunidades de Baixa Renda: análise das práticas cotidianas e da relação com o lugar a partir do sistema da dádiva*. (Tese de doutorado). Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano. Doutorado em Desenvolvimento Urbano. Recife: 2011.
- CAILLÉ, A. Reconhecimento e Sociologia. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ANPOCS, n. 66, p. 151/163, 2008.
- COHN, G.M. As diferenças finais: de Simmel a Luhman. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n.38, v.13, 1998.
- GODBOUT; J. T. & CAILLÉ, A. *O Espírito da Dádiva*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- MARTINS, Paulo Henrique. De Lévi-Strauss a M.A.U.S.S. (Movimento AntiUtilitarista nas Ciências Sociais): Itinerários do Dom. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ANPOCS, vol. 23, n. 66, 2008.
- _____. MARES (Metodologia de Análise de Redes do Cotidiano): aspectos conceituais e operacionais. In: PINHEIRO, Roseni; MARTINS, Paulo Henrique (orgs.). *Avaliação em saúde na perspectiva do usuário: abordagem multi-cêntrica*. Rio de Janeiro: CEPESC/IMS-UERJ; Recife: Editora Universitária UFPE; São Paulo: ABRASCO, 2009.
- MAUSS, M. *Ensaio sobre a Dádiva*. Introdução de Claude Lévi-Strauss. Edições 70. Lisboa, 1950.
- MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. Ensaio sobre a Dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. São Paulo, Cosac e Naify, 2003.
- SABOURIN, E. Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 66, 2008.
- SENNET, R. *Respeito: a formação do caráter em um mundo desigual*. Tradução Ryta Nivagre. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- TOURAINE, A. *Sociologia de l'Action*. Ed. Seuil, Paris, 1989.
- VOTORANTIM CIMENTOS. *Jornal do Pedreiro*. Mutirão: a lição de solidariedade dos pedreiros. Ano 3, no 3, 2008.

Recebido em: 10/05/2013. Aceito em: 26/06/2013.